



## Algumas notas sobre a ressignificação cristã de *tapeinos*

*Fernando Rey Puente\**

**Resumo:** O objetivo deste breve texto é o de mostrar como de Aristóteles a Agostinho houve uma revalorização do termo *tapeinos*, um conceito de menor importância no âmbito da ética aristotélica indicando aquele que se rebaixa ou se diminui ante outra pessoa. Faremos um breve excurso pelo uso desse termo por um autor pagão, Epicteto, e por dois autores cristãos, Atanásio de Alexandria e Basílio de Cesaréia, antes de chegarmos até o seu uso em Agostinho de Hipona, pensador no qual o conceito já adquiriu o valor positivo de humildade, uma virtude (*areté*) concebida como essencial, pois assinala uma característica do próprio Cristo e, por conseguinte, fundamental para o Cristianismo.

**Palavras-chave:** *Tapeinos*; Aristóteles; Basílio; Agostinho.

### Some remarks on the Christian resignification of *tapeinos*

**Abstract:** This text aims to show how from Aristotle to Augustine of Hippo, there was a revalorization of the term *tapeinos*, a concept of minor importance inside the Aristotelian Ethics, which could be translated as signaling the person who stoops to someone else. We will do a brief excursus considering the use of this term in one Pagan author, Epictetus, and in two Christian ones, Athanasius of Alexandria and Basil of Caesarea, before we arrive at Augustine of Hippo, a thinker in which the concept has already acquired the positive value of humility, a virtue (*arete*) thought as essential, because typical of Christ himself and consequently of Christianity.

**Key-words:** *Tapeinos*; Aristotle; Basil; Augustine.

---

\* Doutor em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor titular em Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: [ferey99@yahoo.com.br](mailto:ferey99@yahoo.com.br). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5292233628153573>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8862-4077>

## Quelques notes sur la ressignification chrétienne de *tapeinos*

**Resumé:** Le but de ce bref texte est de montrer comment d’Aristote jusqu’Augustin, il y a eu une réévaluation du terme *tapeinos*, qui était un concept d’une importance mineure dans le domaine de l’éthique aristotélicienne qu’on peut traduire comme indiquant quelqu’un qui s’abaisse ou se diminue devant une autre personne. Nous allons faire un bref excurs à travers l’utilisation de ce terme par un auteur païen, Épictète, et par deux auteurs chrétiens, Athanase d’Alexandrie et Basile de Césarée, avant d’arriver à son utilisation chez Augustin d’Hippone, un philosophe chez qui le concept de *tapeinos* a déjà acquis la valeur positive de l’humilité, une vertu (*arete*) conçue comme essentielle, car elle souligne une caractéristique du Christ lui-même et, par conséquent, du christianisme.

**Mots-clés:** *Tapeinos*; Aristote; Basile; Augustin.

## Introdução

Com o intuito de observarmos algumas transformações semânticas que alguns conceitos sofreram no processo que foi denominado no âmbito do sétimo congresso de Estudos da Antiguidade da UFMG e que concluiu igualmente o Procad “Leituras e Releituras da Filosofia na Antiguidade” (que uniu pesquisadores de Filosofia Antiga da UFMG, da UFC e da UFU) e que teve por tema “Releituras da Filosofia Antiga na Patrística”, nos propusemos a investigar a nítida transformação de um sentido negativo para um sentido positivo atribuído ao substantivo *ταπεινός* (a/o que se humilha, a/o que se rebaixa, a/o humilde) e ao verbo *ταπεινῶω* (humilhar-se, rebaixar-se e tornar-se humilde) na esfera moral.

Se, de modo geral, pode-se constatar uma continuidade na lista e na compreensão de cada uma das virtudes concebidas pelos filósofos clássicos e adotadas posteriormente pelos pensadores cristãos, no caso da humildade em particular, o que ocorre é que uma atitude que não designava uma virtude na Antiguidade pagã, antes pelo contrário parecia caracterizar uma atitude desprezível, passa a ser ressignificada de modo positivo chegando mesmo a

ser erigida como a mais importante das virtudes por Basílio de Cesareia e como a virtude cristã por excelência por Agostinho de Hipona.

Como já foi observado por A. MacIntyre, em seu livro *Depois da virtude*, a humildade não comparecia em nenhuma das diversas listas sobre as virtudes existentes na Antiguidade<sup>1</sup>. Como então ela se tornou a mais importante das virtudes para os autores cristãos da Antiguidade e, conseqüentemente, do Medievo? O nosso objetivo neste breve texto é o de tentar apresentar um pequeno fragmento dessa história ao mostrar o lugar lateral e quase alheio à noção de virtude, tal como a entendemos, que a humildade (*tapeinos*) recebeu por parte de Aristóteles em sua obra mais importante de ética e como essa mesma noção passou a ser diversamente valorizada no contexto de dois autores decisivos para a Patrística grega e latina e para as suas respectivas posteridades.

### **O lugar de *tapeinos* no âmbito dos textos ético-políticos de Aristóteles**

Quando procuramos referências à humildade nas obras de Aristóteles constatamos que, como nos indica o index do Bonitz, elas são pouco numerosas e sempre depreciativas. Vejamos alguns exemplos.

Ao tratar da virtude da *megalopsukhia* cuja tradução usual, por ser literal, é magnanimidade, mas cujo sentido em grego está longe de se ajustar à compreensão que temos no vernáculo para a noção de magnanimidade ou para o entendimento daquele que possui esta virtude, ou seja, o magnânimo, pois este, segundo o Houaiss, designa “aquele, a despeito de todos os riscos e perigos, que age ou pensa desinteressadamente com vistas a servir alguém ou a encarnar um ideal ou ainda aquele que perdoa com facilidade, que se mostra indulgente com o próximo”. Ora, a compreensão que os gregos tinham do magnânimo era bem diferente desta, razão pela qual os intérpretes mais recentes preferem traduzir *megalopsukhia* por dignidade ou altivez,

---

<sup>1</sup> Cf. Alasdair MacIntyre, *After Virtue: A Study in Moral Theory*, London: Duckworth, 2007, p. 136.

indicando assim pelo termo “digno” aquele que possui respeito por si mesmo e consciência de seu próprio valor moral e que se comporta adequadamente em relação aos outros e pelo termo “altivo” aquele que possui uma consciência clara e firme de sua própria superioridade em relação aos demais tanto no pensar quanto no agir. Uma evidência de que Aristóteles não entendia os magnânicos como nós, hoje em dia, os concebemos, se encontra em um passo dos *Segundos Analíticos* onde ele nomeia alguns indivíduos representantes da virtude da magnanimidade, tais como Alcebíades, Aquiles e Ajax, por um lado, devido ao fato de eles não tolerarem insultos, razão pela qual o primeiro vai à guerra, o segundo fica facilmente irado e o terceiro se mata, e Sócrates e Lisandro, por outro, por causa destes últimos terem se mostrado indiferentes às venturas e desventuras que tiveram de viver (cf. *An. Post.* 97 b<sub>17-26</sub>).

Retornando ao texto da *Ética a Nicômacos* Aristóteles precisa a seguir que os *megalopsukoi* se relacionam sobretudo às honras em relação às quais se sentem corretamente dignos, de modo que eles constituem claramente um meio termo entre os vaidosos que se sentem incorretamente dignos de certas honrarias e os *mikropsukoi*, ou seja, os pusilânimes, que possuem uma baixa autoestima. Na sequência dessa exposição encontramos no texto aristotélico duas ocorrências referentes aos *tapeinoi*, isto é, àqueles que nós preferimos neste texto não traduzir como humildes, devido ao sentido positivo que este termo adquiriu para nós, e que somos levados a traduzir então como miseráveis ou servis. Referimo-nos aos passos 1124 b<sub>22</sub> e 1125 a<sub>1</sub> da *Ética a Nicômacos* onde podemos respectivamente ler que

é característico das pessoas magnânicas nada pedir, ou quase nada, mas ajudar prontamente, e ser altivas diante de pessoas que ocupam posições elevadas e desfrutam de boa sorte, mas corteses em relação às pessoas de posses moderadas (é difícil e distinto ser superior às primeiras, mas é fácil sê-lo em relação às últimas, e uma atitude altiva em relação às primeiras não é sinal de falta de princípios; diante de pessoas miseráveis (*tois tapeinois*) isto é tão baixo quanto uma demonstração de força contra os fracos (ARISTÓTELES, *EN* 1124 b<sub>18-23</sub>)

elas <as pessoas magnânimas> devem ser incapazes de viver em função de outras pessoas, a não ser que se trate de amigos (viver assim é próprio de escravos e é por isso que todos os adulares (*hoi kolakes*) são subservientes (*thetikoi*) e os miseráveis (*hoi tapeinoi*) são adulares (*kolakes*)) (ARISTÓTELES, *EN* 1124 b<sub>31</sub> – 1125 a<sub>2</sub>)

Do mesmo modo, ao expor e analisar a calma por oposição à ira no livro II da *Retórica* Aristóteles afirma que:

não nos envergonhamos diante daqueles por quem temos um grande desprezo e dos que se rebaixam (*tois tapeinoumenois*) na nossa presença e não nos contradizem, pois parecem admitir que são inferiores (*hettous*), e os inferiores (*hoi hettous*) são medrosos, e quem não é medroso não despreza” (ARISTÓTELES, *Ret.* 1380 a<sub>21-24</sub>, tradução de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse)

O estagirita conclui essas reflexões de modo enfático asseverando que “a ira cessa em relação aos que se rebaixam (*pros tous tapeinoumenous*)” (1380 a<sub>25</sub>).

Vê-se a partir destas passagens, respaldadas em outras semelhantes, que o estagirita, apesar de macedônio, representa bem o espírito ático que associa os humildes aos fracos, aos inferiores, aos subservientes e aos adulares. Dentro dessa visão de mundo não se encontra espaço algum para enaltecer o humilde ou para valorizar o fraco, em suma, para não julgar os débeis simplesmente como sendo subservientes e quiçá até mesmo bajuladores.

## **2 O novo sentido de *tapeinos/humilis* em Basílio e Agostinho**

Ainda que apenas de modo alusivo temos de mencionar o papel fundamental que a assimilação da cultura hebraica teve na constituição mesma de nossa tradição cultural no Ocidente. Essa menção é fundamental

porque a noção de humildade desempenha um importante papel no âmbito da tradição religiosa judaica. Sem entrarmos no âmbito dos estudos hebraicos propriamente ditos, mencionemos apenas que com a famosa tradução dos textos sagrados do povo judeu para a língua grega, a *Septuaginta*, que ocorreu entre os séculos III a. C. e I a. C. uma nova ressignificação do termo *tapeinos* penetrou na e passou daí em diante a pertencer à cultura grega. A abundância de ocorrências de *tapeinos* e de seus termos cognatos é expressiva: são 270 ocorrências que pretendem verter com essa única palavra do idioma grego sete vocábulos distintos provenientes de sete raízes diferentes de termos hebraicos. Nos textos religiosos específicos dos cristãos o termo *tapeinos* e seus cognatos comparecem 34 vezes e, muito embora, esse número não seja elevado, as passagens que deles se utilizam são extremamente significativas, de modo que a ressignificação desses termos será determinante para os pensadores cristãos que tentaram repensar certos valores da cultura grega secular em um novo contexto religioso e cultural<sup>2</sup>.

Curiosamente, alguns séculos mais tarde (pensamos aqui particularmente nos dois primeiros séculos de nossa era) os compostos do substantivo *tapeinos* com *phronein*, como, por exemplo, o verbo *tapeinophroneo* ou o substantivo *tapeinophrosune* no interior da cultura grega não cristã e, portanto, não influenciada pelos textos da *Septuaginta* estavam presentes em alguns filósofos. Pode-se encontrar essa ocorrência, dentre outros autores desta época, no filósofo estoico Epicteto (50 d. C. - 135 d. C.). O verbo *tapeinophroneo* por ele usado possui ainda uma conotação claramente negativa, que poderia ser traduzido aproximadamente como “pensar mal” ou “pensar pobremente”, como fica evidente em uma passagem das *Diatribes* (cf. 1, 9, 10). Também o emprego do substantivo *tapeinophrosune* em Epicteto possui um sentido negativo, como se lê em outro passo das *Diatribes* no qual que ele, abordando o tema dos

---

<sup>2</sup> As referências são oriundas do verbete “humildade” escrito por H.-H. Esser para o *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, organizado por L. Coenen e C. Brown e publicado pela Editora Vida Nova em sua terceira edição de 2007.

indiferentes, afirma que quando alguém está ciente de que apenas a nossa escolha moral depende de nós se pergunta retoricamente “que lugar restaria então <para essa pessoa> à bajulação e à baixeza (*tapeinophrosúnês*)?” (*idem*, 3, 24, 56). Além dessas ocorrências, encontramos outro termo em Epicteto, o substantivo *tapeinosis*, o qual é igualmente enumerado ao lado de outras estratégias negativas e malogradas visando dificultar a escolha moral, de modo que o processo de humilhação é entendido como um procedimento indigno e torpe a que alguém se submeteria com o propósito escuso de obter algum ganho pessoal (cf. 3, 22, 105).

Como então explicar a mudança radical que a noção de *tapeinos* e de seus compostos adquirirão poucos séculos depois, transformando o sentido desses termos da conotação de uma atitude ou de um pensamento vil, desprezível e inferior em uma virtude ou até mesmo na principal das virtudes ou ainda na virtude por excelência do Cristianismo para alguns dos mais importantes autores cristãos dos séculos IV e V?

O primeiro desses autores cristãos que vale a pena mencionar é Atanásio de Alexandria (c. 296-373 d. C.). Em sua *Carta sobre a caridade e a temperança* ele afirma o seguinte:

A humildade é a sentinela e a guarda de todos os frutos; a humildade é a grande força da qual se utilizou o Vivente que veio a nós, é o baluarte de toda virtude, o escudo de toda boa ação [...] a humildade é a força salutar, o meio que cura toda ferida<sup>3</sup>

É impossível não levar em conta no processo de revalorização cristã da humildade dois autores essenciais da Patrística, um de língua grega e outro de língua latina, a saber, Basílio de Cesareia (c. 330-379 d. C.) e Agostinho de Hipona (354-430 d. C.).

De Basílio é necessário fazer referência sobretudo ao seu celeberrimo sermão sobre a humildade (*Peri tapeinophrosunes*) pregado

---

<sup>3</sup> Cf. Corpus Scriptorum Christianorum Orientalium (CSCO), 150, 97. 6-12 *apud* Basilio di Cesarea, *Omèlie sull'Esamerone e di argomento vario*, Firenze: Bompiani, 2017, p. 1191, n. 1.

provavelmente no ano de 375. Nele a transformação da noção de humildade está plenamente acabada. Desde o início dessa bela homilia Basílio opõe a humildade ao orgulho. A *atuphia*, ou seja, a ausência de orgulho, somada à ação de não buscar para si mesmo uma expansão indevida da glória pessoal, mas sim a de buscar a glória apenas junto a Deus, isso tudo, segundo ele, levaria o homem de volta ao seu estado prístino, no qual verdadeiramente gozava de uma glória autêntica que lhe havia sido conferida por Deus. Nessa sua nova condição decaída mesmo os maiores bens do ser humano como a sabedoria (*sophia*) e o discernimento (*phronesis*) o levarão inevitavelmente, de acordo com Basílio, à insolência vã, caso não venham acompanhados da sabedoria de Deus. A fórmula para gloriar-se em Deus é claramente enunciada por Basílio: não exaltar-se pela própria justiça, mas reconhecer-se privado da verdadeira justiça e procurar ser justificado somente pela fé em Cristo. É preciso, portanto, proceder, por assim dizer, a uma inversão do olhar: não é o justo que pode conhecer a Deus por causa de ter sido justo, mas sim Deus que conhece o ser humano por causa da Sua bondade.

A transformação da ideia de *arete* presente nos gregos é enunciada nesse sermão ao Basílio afirmar que “não és tu a se apoderar de Cristo pela tua virtude (*dia tes aretes*), mas Cristo é que se apodera de ti pela Sua vinda”<sup>4</sup>. Fica evidente, portanto, que a noção de virtude tal como estava presente entre os pensadores clássicos da Grécia não é mais a mesma, pois agora ela depende de Deus e não apenas do próprio homem. Por isso, qualquer atitude arrogante é perigosa para o homem, pois sua atual condição, segundo os textos sagrados, o impede de ser senhor absoluto de si próprio.

Deve-se, por conseguinte, agir sempre contra a soberba rebaixando-se para ser posteriormente elevado, assim como o próprio Cristo que, nas palavras de Basílio, “desceu do Céu para uma humildade extrema (*pros ten eschaten tapeinoteta*)” e mais enfaticamente ainda ele afirma em seguida que “todos os ensinamentos do Senhor nos levam a descobrir a sabedoria da

---

<sup>4</sup> Cf. CSCO 150, 97.6-12 *apud* Basilio di Cesarea, *Omèlie sull'Esamerone e di argomento vario*, Firenze: Bompiani, 2017, p. 980.

humildade (*tapeinophrosunen*)”<sup>5</sup>. E, por fim, ele conclui o seu sermão retomando a frase atribuída a Cristo pelo evangelista Mateus e que teve uma repercussão decisiva na reavaliação radical do termo *tapeinos*: “Aprendais comigo que sou simples e humilde de coração (*tapeinos te kardia*) e encontrareis repouso para as vossas almas” (*Mt.* 11.29).

Finalmente, seguindo esse brevíssimo sobrevoo, no caso de Agostinho podemos igualmente reencontrar essa nova valorização de *tapeinos* apoiada essencialmente no modelo da vida de Cristo.

Localizamos uma discussão um pouco mais desenvolvida sobre a humildade em duas passagens de sua obra: no comentário sobre o Salmo 31, pregado na catedral de Cartagena em janeiro de 413 e no prefácio à *Cidade de Deus*, escrito em 426. Nos dois textos vê-se claramente, assim como em Basílio, a ênfase na dimensão da graça e na impossibilidade do ser humano por si só elevar-se até esse ponto necessitando para isso da ajuda divina. Por isso a humildade é sempre exaltada contra o orgulho dos seres humanos que se creem capazes de gloriarem-se a si mesmos pelo seu próprio agir.

O comentário sobre o salmo 31 é bastante complexo e deixa bem claro as premissas paulinas em que se fundamenta Agostinho e que podem ser resumidas em algumas frases, quase lapidares em sua concisão, como, por exemplo: *non ex operis, sed ex fide* (*In Psalmum XXXI*, 2, 3) que os homens podem alcançar a salvação, no entanto, eles tampouco podem se valer apenas e tão somente da fé sem se preocupar em agir, pois *fides sine opere mortua esset* (*In Psalmum XXXI*, 2, 4) e o esclarecimento de que o que faz uma obra boa é a intenção boa e esta é orientada pela fé: *bonum enim opus intentio facit, intentionem fides dirigit* (*In Psalmum XXXI*, 2, 4). Logo, dentro dessa perspectiva agostiniana não pode haver nenhuma ação virtuosa fora da fé em Cristo. Assim, a força de alguém reside em sua relação com Deus, tal como outra sentença de Agostinho exprime claramente: *ille enim fortis est qui non in se, sed in Deus fortis est* (*In Psalmum XXXI*, 2, 10). Evidentemente, essas ideias estão totalmente alicerçadas na passagem da

---

<sup>5</sup> Cf. CSCO 150, 97.6-12 *apud* Basilio di Cesarea, *Omellie sull'Esamerone e di argomento vario*, Firenze: Bompiani, 2017, p. 986.

segunda carta aos Coríntios 2 Co 12, 8-9 onde Paulo afirma que aos homens basta a graça de Deus (*sufficit tibi gratia mea*) e Agostinho reforça essa ideia interpretando que Paulo não falou sobre a virtude do homem, mas sim sobre a graça de Deus (*gratia mea, dixit, non uirtus tua*) e por isso o apóstolo Paulo conclui essas ideias logo a seguir em sua importante epístola com a sua célebre afirmação *quando infirmor, tunc fortis sum*.

Um pouco mais adiante, no comentário ao Salmo 31, Agostinho interpreta a ideia das numerosas águas contida neste Salmo como uma alusão às numerosas doutrinas (ele menciona expressamente as posições dos platônicos, dos epicuristas, dos estoicos e dos maniqueus) que buscavam seduzir as almas dos fiéis, mas lembra de que há apenas uma água verdadeira e afirma que “se pode encontrar por todo lado excelentes preceitos de conduta moral e disciplinar, mas não se encontra a via da humildade” (*In Psalmum XXXI, 2, 18: ubicumque etiam inueniuntur optima praecepta morum et disciplinae, humilitas tamen ista non inuenitur*), pois, Agostinho completa, “a via da humildade emana de outro lugar: vem de Cristo” (*via humilitatis huius aliunde manat: a Christo uenit*) e isso porque “esta via vem daquele que, embora sendo elevado, veio humildemente” (*haec uia ab illo est qui, cum esset altus, humilis uenit*). Logo, a única via verdadeira para aproximar-se de Deus é esta. Ainda nas próprias palavras de Agostinho: “é então nesta humildade que <alguém pode> se aproximar de Deus” (*in hac ergo humilitate propinquatur ad Deum*) isso porque, como conclui Agostinho, apoiando-se e citando agora o Salmo 33, 18 “o Senhor está perto daqueles que possuem um coração contrito” (*prope est Dominus his qui obtruerunt cor*).

O brevíssimo prefácio ao primeiro livro da *Cidade de Deus*, escrito treze anos depois desse comentário ao Salmo 31, sintetiza esse louvor à humildade e torna a enfatizar a relação dessa máxima virtude, a humilde, com a doutrina da graça.

Termino assim essas brevíssimas notas com as próprias palavras do bispo de Hipona: “Eu sei, com efeito, de quais forças eu necessito para persuadir aos soberbos do quão <importante> é a virtude da humildade (*uirtus humilitatis*), porque, transcendendo todas as grandezas móveis e

efêmeras da terra, ela nos eleva, não pelo orgulho humano, mas por um dom da graça divina”.

## Referências

ARISTÓTELIS, *Ethica Nicomachea*, I. Bywater, Oxford: *Scriptorum Classicorum Bibliotheca Oxoniensis*, 1890.

ARISTÓTELIS, *Retórica*, tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, Lisboa, 2005.

AURELLII AUGUSTINI, *Opera omnia* - editio latina, PL 36, *Enarrationes in Psalmos* (disponível online em <http://www.augustinus.it/latino/>)

AURELLII AUGUSTINI, *Opera omnia* - editio latina, PL 41, *De Civitate Dei contra Paganos* (disponível online em <http://www.augustinus.it/latino/>)

BASILIO DI CESAREA, *Omellie sull'Esamerone e di argomento vario*, Firenze: Bompiani, 2017.

EPICETETO, *Pláticas* por Arriano, libro I, texto revisado y traducido por Pablo Jordán de Urríes y Azara, Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2007.

EPICETETO, *Pláticas* por Arriano, libro III, texto revisado y traducido por Pablo Jordán de Urríes y Azara, Barcelona: Alma Mater, 1965.

ESSER, H.-H., verbete “Humildade” no vol. I do *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, org. por L. Coenen e C. Brown, São Paulo: Editora Vida Nova, 3ª ed., 2007.

MACINTYRE, Alasdair, *After Virtue: A Study in Moral Theory*, London: Duckworth, 2007.

Data de registro: 02/08/2023

Data de aceite: 22/11/2023